

Chamado, não Oferta

Rev. Ronald Hanko

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Há muitos que preferem falar do evangelho como uma “oferta” e não como um chamado. É no mínimo interessante que a Escritura *nunca* use a palavra *oferta* para descrever o evangelho. Não temos nenhuma objeção à *palavra* oferta como tal. Em seu sentido antigo ela significa somente que no evangelho há um “anúncio de Cristo”. O Catecismo Maior de Westminster, por exemplo, define uma oferta de Cristo como “*testificando* que todo o que crer nele será salvo”.²

Em seu sentido moderno, contudo, a palavra *oferta* sugere e é usada para ensinar que Deus ama todos os homens e deseja salvar todos eles, que ele faz um esforço para salvar todos eles no evangelho, e que, quer um pecador seja salvo ou não, depende da vontade do pecador. Esses ensinamentos são contrários à Escritura.

A Escritura não ensina que Deus ama todos os homens (Sl. 11:5; João 13:1; Rm. 9:13), nem ensina que Deus está tentando salvar todos eles (Is. 6:9-11; Rm. 9:18; 2Co. 2:14-16). Certamente ela não ensina que na salvação dos pecadores Deus pode ser frustrado por causa da indisposição deles, ou que ele espera, de mãos atadas, que eles *aceitem* sua salvação (Sl. 115:3; João 6:44; Rm. 9:16; Ef. 2:8,9). Por essas razões preferimos não falar do evangelho como uma “oferta”.

Um chamado é diferente de uma oferta. Ele nos lembra da soberania de Deus. Ele, como Rei, intima os pecadores a crer e obedecer ao evangelho. O termo até mesmo indica que ele de fato traz alguns à salvação por seu chamado soberano. Quando lembramos que é *Deus* quem chama, não é difícil entender isso. Ele é aquele que “chama à existência as coisas que não existem” (Rm. 4:17).

Esse chamado é ouvido na pregação do evangelho. Ele é feito eficaz pela operação interior do Espírito Santo, de forma que alguns não somente ouvem, mas também obedecem ao chamado. Pela obra do Espírito é *Deus em Cristo* quem chama, não o pregador. O pregador é somente um instrumento.

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em Setembro/2006.

² *The Westminster Larger Catechism*, Q&A 65.

Essa é a razão dos ímpios serem condenados por desobediência quando recusam dar ouvidos ao chamado. Por sua incredulidade eles não rejeitam um mero homem, mas o próprio Deus vivo, que fala através do seu Filho unigênito. Isso é muito sério!

Essa é razão também pela qual o pregador não deve trazer nada senão as Escrituras. Aqueles que ouvem devem ouvir a Palavra de Deus, não as noções, filosofias, comentários políticos, etc., do pregador. O pregador deve ser cuidadoso para não obscurecer o chamado soberano de Deus ao adicionar alguns tipos desnecessários de táticas de imploração e “venda”, deixando a impressão de que Deus depende da vontade do pecador.

Deve ficar claro na pregação do evangelho que Deus soberanamente demanda fé e arrependimento dos pecadores – que ele, o Todo-poderoso, o Juiz do céu e da terra, requer obediência e punirá a desobediência. Por tal pregação os pecadores são salvos, e Deus é glorificado.

Fonte (original): *Doctrine according to Godliness*, Ronald Hanko, Reformed Free Publishing Association, p. 191-200.